

## Uma crónica a sério

Alguns dos melhores textos da literatura falam de futebol. Se Dumas chamava à intriga o prego em que penduramos os nossos quadros, então é o futebol um prego prodigioso.

Um dia &ndash; prometo &ndash; vou escrever uma crónica a sério. Não vou atropelar, como hoje faço, o que de vida e de morte se passa em oitenta mil corações sufocando noventa minutos por uma vitória que não é deles. Não vou reduzir a metáforas e bordões o suor e as lágrimas e o sangue (lá estou eu) de vinte e dois homens digladiando-se por uma vitória que ninguém reconhecerá como deles. Está bem, eu vi o Negrete marcar aquele golo soberbo à Bulgária no México 86. Eu vi o Van Basten arrumar de vez com a URSS no Alemanha 88. Mas até que ponto sufoca o meu coração para que eu resuma numa frase todo esse sufoco, como o fez Javier Marías em 1994, depois de o Real Madrid perder a liga em Tenerife? Que suor e que lágrimas e que sangue verti eu para um dia escrever um diálogo como o fez Oswaldo Soriano, situando o penálti mais longo do mundo no vale do Rio Negro, na Argentina, em 1958?

Diz-se, a propósito de Nelson Rodrigues, que algumas das melhores crónicas da literatura brasileira falavam de futebol. Eu diria mais: alguns dos melhores textos da literatura falam de futebol. Se Dumas chamava à intriga o prego em que penduramos os nossos quadros, então é o futebol um prego prodigioso. Provas? Ao recordar aquele fatídico em Tenerife, o espanhol Marías, para quem o Real é como o quarto dia da Criação (água, terra, relva, flores, ervas e árvores), escreve assim: &ldquo;O nosso coração tão branco conheceu coisas piores nestes últimos anos e mesmo assim sobreviveu. Acostumados a ganhar, descobrimos que perder não nos matava, o que tem o seu mistério.&rdquo; Ao ficcionar sobre um penálti interminável, o argentino Soriano, que foi guarda-redes, inventa o seguinte diálogo: &ldquo;&rsquo;O Constante marca-os à direita.&rsquo; &lsquo;Sempre.&rsquo; (...) &lsquo;Mas ele sabe que eu sei.&rsquo;. &lsquo;Então estamos lixados.&rsquo;&rdquo; Está bem, eu também fui guarda-redes, mas se hoje me pusesse com essa coisa do ele-sabe-que-eu-sei-que-ele-sabe não conseguiria mais do que evocar um congresso do PP.

Pelo contrário, espanhóis, brasileiros e latino-americanos transportam-nos do sofá ao estádio e trazem-nos de volta a casa em quatro linhas, com a pulsação acelerada e a certeza de que a morte passou perto. Numa crónica escrita em Paris, pouco antes de o Brasil perder 3-0 com a selecção da casa a final do Mundial de 1998, o brasileiro Luís Fernando Veríssimo descreve um diálogo com o seu miocárdio a propósito da nova regra da &ldquo;morte súbita&rdquo;. &ldquo;Você deliberadamente me trouxe a um evento em que eu posso parar de repente, mesmo não tendo nada a ver com isso?&rdquo;, pergunta-lhe o coração. O também brasileiro Ruy Carlos Ostermann, regressando do Itália 90 após uma sempre humilhante derrota (1-0) contra a Argentina, proclama: &ldquo;O futebol morreu. Será devorado pelos vermes. Vai desaparecer debaixo da grama. Nunca mais se saberá como foram aqueles dias.&rdquo; Ora, como posso eu hoje escrever isto, se Portugal me morre aos pés e eu acendo um cigarro, enquanto pego na revista de TV para ver o que dá a seguir?

A mim, cronista iniciado a quem sobra o verbo e falta a emoção, mais valia que sobrassem sentimentos e faltassem palavras. Como

escreveu o também brasileiro Armando Nogueira, ao ver Tostão comemorar a vitória do Brasil no México 70 (4-1 à Itália na final): &ldquo;E as palavras, eu que vivo delas, onde estão? Onde estão as palavras para contar a vocês e a mim mesmo que Tostão está morrendo asfixiado nos braços da multidão em transe?&rdquo; Eu, ao contrário, o que de melhor posso oferecer são palavras. Mas aguardem-me: um dia &ndash; prometo &ndash;vou escrever uma crónica a sério.

Joel Neto